



FUTEBOL E MULHERES

7 HISTÓRIAS PIONEIRAS

FUTEBOL E MULHERES

7 HISTÓRIAS PIONEIRAS

Copyright © 2022 das autoras

1ª edição - 2022

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Carlos André Bulhões Mendes

Vice-reitora: Patrícia Pranke

Pró-reitora de Extensão: Adelina Mezzari

Vice-Pró-Reitor de Extensão: Eduardo Cardoso

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - ESEFID

Diretora: Luciana Laureano Paiva

Vice-diretor: Rogério Voser

Título: Futebol e Mulheres: 7 histórias pioneiras

Autoras: Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral

Revisão: Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral

Capa: Francine Alexandra Moreira Aires

Ilustração: Francine Alexandra Moreira Aires

Projeto Gráfico: Francine Alexandra Moreira Aires

Diagramação: Tiago Vieira Dillenburg e Francine Aires

Esta obra é resultante das ações do Programa de Extensão Futebol e Mulheres – conhecer para reconhecer, vinculado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A iniciativa provém do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História e recebeu financiamento do programa Academia & Futebol da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor.

G595f Goellner, Silvana Vilodre
Futebol e mulheres: 7 histórias pioneiras / Silvana Vilodre Goellner; Juliana Ribeiro Cabral. -- Porto Alegre: Editora Grecco, 2022.
96 p.
1. Futebol. 2. Mulher. I. Goellner, Silvana Vilodre II. Cabral, Juliana Ribeiro. III. Título.
CDU: 796.332-055.2

Ficha catalográfica elaborada por Ana Cristina de Freitas Griebler, CRB-10/933





FUTEBOL E MULHERES

7 HISTÓRIAS PIONEIRAS

Silvana Vilodre Goellner
Juliana Ribeiro Cabral



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	FUTEBOL E UNIVERSIDADE: DOIS CAMPOS, UMA SÓ PAIXÃO	01
CAPÍTULO 1	MÁRCIA TAFAREL	06
	PRIMEIRO JOGO OFICIAL DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL	14
CAPÍTULO 2	FANTA	18
	CAMPEONATO BRASILEIRO NÃO OFICIAL	24
	CAMPEONATOS NACIONAIS	25
CAPÍTULO 3	MARISA	30
	PRIMEIRO TORNEIRO ORGANIZADO PELA FIFA	36
CAPÍTULO 4	MEG	42
	CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL FEMININO	46
	CAMPEONATOS SUL-AMERICANOS	48

CAPÍTULO 5	ELANE	52
	COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO FIFA	60
CAPÍTULO 6	PRETINHA	64
	FUTEBOL DE MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS	70
CAPÍTULO 7	ROSELI	74
	DESTAQUES INDIVIDUAIS	80
	CRONOLOGIA	82
	JOGOS INESQUECÍVEIS	84
	FICHA TÉCNICA COPA DO MUNDO FEMININA 1991 - CHINA	90
	FICHA TÉCNICA JOGOS OLÍMPICOS DE ATLANTA	92
	GLOSÁRIO	94

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram para a produção desse livro, em especial, as pioneiras que nos concederam entrevistas e cederam seus acervos pessoais.

Apresentação

Escrito por mulheres, com e sobre mulheres, este livro busca visibilizar trajetórias de sete jogadoras de futebol pioneiras no Brasil. Com sensibilidade e criatividade, Ju Cabral e Silvana Goellner ousaram contar de outro modo histórias que foram invisibilizadas e trajetórias que, para muitos, foram esquecidas. O resultado é essa bela obra! Da parceria de uma professora/pesquisadora com uma ex-atleta/comentarista esportiva surge o impensado, um livro lindo, leve e lúdico que nos ensina, hoje, o que não nos foi contado antes. Por meio dos depoimentos de Márcia Tafarel, Elane, Pretinha, Fanta, Roseli, Meg e Marisa foi possível ver lastros de um passado de interdição, mas também subversões, conquistas e afetos partilhados dentro das quatro linhas. Aprendemos ainda que as experiências dessas mulheres pavimentaram caminhos a outras gerações de atletas que puderam travar outras lutas dentro do Futebol. A mim, resta apenas agradecer a essas mulheres a generosidade em partilhar suas histórias.

Esse livro integra as ações do Programa de Extensão “Futebol e Mulheres – conhecer para reconhecer” (ESEFID/UFRGS), coordenado por mim em parceria com as colegas Raquel da Silveira, Pâmela Joras e idealizado por Silvana Goellner.



Todo o projeto de Design ficou ao cargo da nossa bolsista Francine Alexandra Moreira Aires e as histórias contadas foram transcritas pelas extensionistas Lidiani Luz da Silva e Mariana Gomes Schönardie

Esse livro, bem como as demais ações do nosso programa são financiados pela Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, por meio do programa Academia & Futebol.

Agradecemos às mulheres que capitanearam a elaboração desse livro e desejo a todes, uma boa leitura.

André Luiz dos Santos Silva.

Futebol e Universidade: dois campos, uma só paixão

O futebol entrou no meu coração através dos homens da minha vida. Com o meu irmão Leandro eu brincava todos os dias em casa, na rua, no clube do bairro e, com meu pai, eu jogava futebol society de areia todas as sextas-feiras no hospital onde ele trabalhava. Cresci com a bola no pé e com a coragem para enfrentar os desafios que esse amor me traria. E olha que foram muitos! Mas apesar deles, o amor só aumentava. Perdi minha mãe muito cedo, e o futebol foi a minha salvação. Me tornei jogadora com a ajuda e apoio da minha família. Eu sonhava em disputar uma edição dos Jogos Olímpicos e isso se concretizou em Sidney (2000) e em Atenas (2004), quando conquistamos a primeira medalha olímpica, de prata, e eu era a capitã da seleção. Aliás, o desejo de viver do futebol e disputar os Jogos Olímpicos foi despertado vendo a nossa seleção de mulheres jogar em Atlanta em 1996.

Ao longo de minha trajetória, tive a honra de jogar com algumas pioneiras e sou grata a todas essas mulheres que desbravaram os caminhos para que eu e tantas outras pudéssemos sonhar em ser jogadora de futebol. Convivi de perto com as sete mulheres homenageadas neste livro: Márcia Tafarel foi minha técnica quando atuei no futsal, na categoria juvenil da Associação Sabesp. Elane foi a minha referência como

jogadora e minha dupla de zaga no meu primeiro jogo de titular pela seleção que aconteceu em 1999 na Copa do Mundo dos EUA, na semifinal que disputamos contra as americanas. Eu tinha vontade de jogar no Rio de Janeiro, e no ano 2000, quando cheguei no Vasco da Gama, encontrei Meg e Fanta, que me acolheram de forma calorosa. Fanta foi minha parceira dentro do campo, e fora dele é melhor não entrar em detalhes. Conheci Marisa quando cheguei ao Saad, em 1996, e vi nela uma jogadora técnica que gostava de orientar as colegas dentro de campo. Jogando pela seleção, tive o privilégio de presenciar os gols de Pretinha e Roseli.

Encerrei minha carreira como jogadora em 2009 e, nesse momento, achei que o mundo fosse desabar; depois percebi que também existia vida fora dos campos. Por um tempo tentei tirá-lo de mim, por decepções, frustrações e cansaço por ter que provar diariamente que mulher e futebol também dão liga. A amizade com a professora Silvana Goellner reacendeu a paixão e me despertou para um novo olhar sobre o futebol de mulheres. Pesquisar, ouvir as histórias e visibilizar essas mulheres é o que me faz hoje mergulhar novamente no futebol.

Diferente da Juliana, que escreveu até o parágrafo acima, eu, Silvana, me envolvi com o futebol a partir de outra perspectiva: a pesquisa. Ainda que tenha vivenciado algumas experiências em campo na infância com amigos e amigas que brincavam na rua, não foi esse o esporte que

eu pratiquei. Voleibol e natação foram as modalidades que tive maior experiência ao longo da vida. Ingressei no curso de Educação Física com o objetivo de me tornar treinadora, mas tão logo comecei a cursar as disciplinas me envolvi com questões históricas da área. Desde então, a presença das mulheres no esporte tem sido um tema que está profundamente relacionado com minha trajetória profissional e pessoal. O futebol tangenciava essa atuação até 2013, quando passou a ocupar um espaço significativo em minha intervenção política e pedagógica. Desde então, tenho feito contatos e amizades que nem nos meus melhores sonhos imaginei ter. A imersão no universo das futebolistas me concedeu o privilégio de me aproximar de mulheres que derrubaram barreiras e abriram espaços para que o futebol se tornasse realidade. Com Juliana Cabral foi assim. Nos encontramos pela primeira vez em 2014 em um seminário organizado pelo Grupo de Estudos Olímpicos, realizado na USP, do qual ela fazia parte. Naquele momento, já percebi seu interesse pelo estudo e pela pesquisa. Observar uma atleta de sua relevância buscando aprofundar conhecimentos solidificou a ideia de que era necessário ampliar o diálogo entre o futebol e a universidade. Quis a vida que nos encontrássemos outras vezes partilhando experiências voltadas para a visibilidade e o reconhecimento daquelas que fizeram e fazem o futebol acontecer.

Se até aqui escrevemos esse texto na primeira pessoa, cada uma de nós relatando sua relação com o futebol, a partir de agora a narrativa é

coletiva. É nossa, das autoras do livro, e também delas, a das jogadoras! As memórias aqui reproduzidas são fruto de nossas pesquisas e das inúmeras conversas que tivemos com as pioneiras¹ e não apenas as que são aqui homenageadas. Queremos ressaltar que, se fosse possível, todas as pioneiras mereciam figurar neste livro. Mas foi necessário fazer um recorte e este se relaciona com dois eventos que são extremamente significativos para a visibilidade da modalidade: o Campeonato Mundial e os Jogos Olímpicos. Nas páginas que seguem, destacamos a trajetória das únicas jogadoras que representaram o Brasil na I Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na China, em 1991, e nos Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996, edição na qual o futebol de mulheres passou a integrar o programa olímpico.

Além de contar a experiência de Elane, Fanta, Márcia Tafarel, Marisa, Meg, Pretinha e Roseli com a camisa da seleção nessas duas competições, ressaltamos alguns dados e curiosidades referentes à presença das mulheres no futebol. A inserção dessas informações, entremeadas com a trajetória de cada uma das jogadoras, tem como objetivo contextualizar a modalidade, conferindo-lhe mais visibilidade.

1 Em novembro de 2020, foi criado o Grupo de Estudos Mulheres do Futebol (GEMF) cuja formação inicial foi composta pelas autoras deste livro, a jornalista Lu Castro e as ex-jogadoras Dilma Mendes, Leda Maria, Márcia Tafarel e Thais Picarte. Algumas das conversas que tivemos com as pioneiras, uma das atividades do GEMF, contribuíram para a produção destes textos.



MÁRCIA TAFARELL



MÁRCIA TAFAREL

Foto: Acervo pessoal

Nome completo

Márcia Tafarel

Data de nascimento

15/03/1968

Cidade

Bento Gonçalves (RS)

Posição que jogava

Médio volante

Destaques na seleção

- 4º Lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
- Bicampeã Sul-Americana (1991 e 1995)

Destaque individual

- Participação no jogo que pode ter sido o primeiro oficial após a regulamentação da modalidade.



A década de 1980 foi promissora para o futebol de mulheres. O decreto que limitava a participação oficial delas no futebol havia sido revogado em 1979 e, em diferentes cidades do país, sua prática, que até então não era reconhecida pelas instituições gestoras da modalidade, passou também a ser pensada e organizada por entidades do futebol. Márcia Tafarel viveu esse momento e, no início dos anos 1980, jogava futebol na rua juntamente com seus primos, amigos e vizinhos. Desde pequena se interessava por brincadeiras que envolviam competição, e no contexto daquele período, elas eram mais praticadas pelos meninos, tais como bolinha de gude, bafo (jogo com figurinhas), carrinho de rolimã e futebol. Tinha como grande incentivadora sua mãe, Dona Marlene, que nunca impediu que a filha participasse dessas atividades, inclusive de jogar futebol. Ao contrário da família do seu pai, Loreno, descendentes de italianos, que não tinha a mesma visão. Nascida na Bahia, Dona Marlene saiu de casa muito cedo, era uma mulher independente que gostava de futebol ao ponto de dar o nome de jogadores aos filhos: Murici, em homenagem ao então jogador do São Paulo, e Gerson, jogador da seleção. Grande incentivadora da filha, foi ela que levou Márcia, aos 13 anos, para participar de uma peneira em um clube na cidade de Bento Gonçalves. Estava sendo criada a equipe do Bento Atlético Futebol Feminino, cujo treinador, Moacir Agatti, era amigo da Dona Marlene. Ambos se tornaram parceiros e conduziram a equipe: ele responsável pelos treinamentos e funções relativas ao campo e ela atuando como roupeira, massagista e gestora. Esse time se transformou no Clube Es-



Foto: Acervo pessoal

portivo Bento Gonçalves que, juntamente com o Sport Clube Rio Grande, protagonizou o que talvez tenha sido o primeiro jogo oficial do país realizado em abril de 1983 no Estádio Olímpico, em Porto Alegre.

Em 1986, Márcia deu início a sua trajetória fora do Rio Grande do Sul através de um campeonato entre seleções estaduais realizado em Campinas (SP). A jogadora foi convocada pela Federação Gaúcha, e nessa competição recebeu o convite para integrar o elenco do Saad, sediado na mesma cidade. Como trabalhava na época, Márcia, então com 16 para 17 anos, viajava todas as sextas-feiras de Bento Gonçalves para Campinas para jogar aos sábados e retornar no domingo. Em 1987, ela deixou definitivamente sua cidade natal e passou a trilhar a carreira que sonhou como jogadora de futebol, atuando por clubes como Euroexport, Unasa do Maranhão, Corinthians, São Paulo, Palmeiras, e no futsal no Maxion, Marvel, Sabesp e

Euroexport. Foi nesse mesmo ano que recebeu sua primeira convocação para integrar a seleção brasileira, então criada para participar do Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (1988), o primeiro organizado pela FIFA. Como havia começado a trabalhar na Fundação Bradesco, Márcia não atendeu a essa convocação por encontrar nesse emprego a segurança que não enxergava no futebol. Convocada novamente em 1991, escolheu o futebol porque já identificava um envolvimento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) na organização da seleção. Nesse ano, foi realizado o I Campeonato Sul-Americano em Maringá (PR), como classificatório para a I Copa do Mundo de Futebol Feminino, que aconteceu em novembro na China. Até chegar aos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, sua última convocação com a camisa da seleção brasileira, Márcia disputou duas competições oficiais: o Campeonato Sul-Americano de Uberlândia e a Copa do Mundo da Suécia, ambos no ano de 1995.

Desde 2004 reside na Califórnia (Estados Unidos) e parou de jogar em 2008, quando atuou pelo Califórnia Storm. Atualmente trabalha como treinadora das categorias sub-15 e sub-16 do Walnut Creek Surf Soccer Club.

Memórias

Copa do Mundo

“Na Escola de Educação Física do Exército, quando nós estávamos alojadas lá, o nosso alarme era os soldados cantando: “Garotinha Canarinho, qual a cor do seu olhinho, se é azul cor do céu ou azul cor do mar”. Eles começavam a cantar essas cantigas, o pelotão quando treinava, normalmente cinco, seis horas da manhã, e eram eles quem nos despertavam. Nós treinávamos entre oito e nove horas da manhã”.

“Outra coisa que a gente notava é que, quando íamos para a cidade comprar souvenirs da Copa ou coisas assim, a gente via que as meninas da raça negra tinham uma atenção muito mais redobrada da população chinesa do que tinham as branquinhas porque acho que eles não tinham tanto esse contato com a raça negra. Tudo nas negras chamava a atenção: o cabelo, a pele, enfim, eles se aproximavam, tocavam nas meninas, tentavam ver como era a textura do cabelo”.

Jogos Olímpicos

“A gente veio fazer a preparação nos Estados Unidos em South Dakota, viemos um mês e meio antes da Olimpíada e ficamos alojadas num college, mas os treinos eram em um parque que tinha toda a estrutura de treinamento, os gols, a estrutura de um campo de futebol. A gente

ia nesse parque, treinava, e o que mais me chamava atenção eram várias meninas treinando. Foi ali que a gente se deu conta do porquê de os Estados Unidos serem tão fortes. As meninas gostavam muito mais de futebol que os meninos. A gente olhava ao redor e não tinha grupo de meninos jogando futebol, a gente só via grupos de meninas jogando futebol ou treinando”.



Foto: Acervo pessoal

PRIMEIRO JOGO OFICIAL DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

A mulher está presente no futebol desde que ele começou a ser praticado em nosso país. No entanto, sua inserção nessa modalidade não era bem vista por alguns setores da sociedade, resultando na elaboração de leis que cercearam sua prática por quase quarenta anos. Em 1941 o Conselho Nacional de Desportos (CND) instituiu o Decreto-Lei nº 3.199, oficializando a interdição às mulheres “de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Este documento foi revogado apenas em abril de 1979 e durante sua vigência possibilitou múltiplas interpretações. Mesmo não nomeando as modalidades esportivas contra indicadas, a simples presença dessa redação ancorou discursos e práticas que limitaram a presença delas no futebol. No dia 11 de abril de 1983, o CND regulamentou o futebol de mulheres em todo o território nacional, fechando um ciclo bastante nebuloso para aquelas que nutriam o gosto pela bola.

Seis dias depois deste feito, a Federação Gaúcha de Futebol organizou uma preliminar com equipes de mulheres no jogo entre Grêmio e São Paulo que disputavam a terceira fase da Taça de Ouro, denominação do Campeonato Brasileiro daquele ano. Rememoramos esse jogo porque parece ter sido o primeiro oficialmente organizado por uma federação esportiva em nosso país.

Jogo	Esportivo Bento Gonçalves 8 X 0 Sport Club Rio Grande
Local	Estádio Olímpico - Porto Alegre
Data	17 de abril de 1983
Escalação Esportivo Bento Gonçalves	Jaque, Kika, Ana, Rose, Bea, Marlininha, Alda, Inelva, Márcia, Mimi, Ketti, Anelita e Vânia.
Escalação Sport Club Rio Grande	Joice, Marilda, Luci, Berê, Terezinha, Leci, Marisa, Rosângela, Nerian, Miriam, Vane, Rosângela Solano, Deise, Jolzi, Kátia e Clarozeti.
Destaque da partida	Claudete Anderle, mais conhecida como Ketti. Marcou 3 gols na partida.
Público	40.820 pessoas
Capacidade do Estádio	51. 081 pessoas



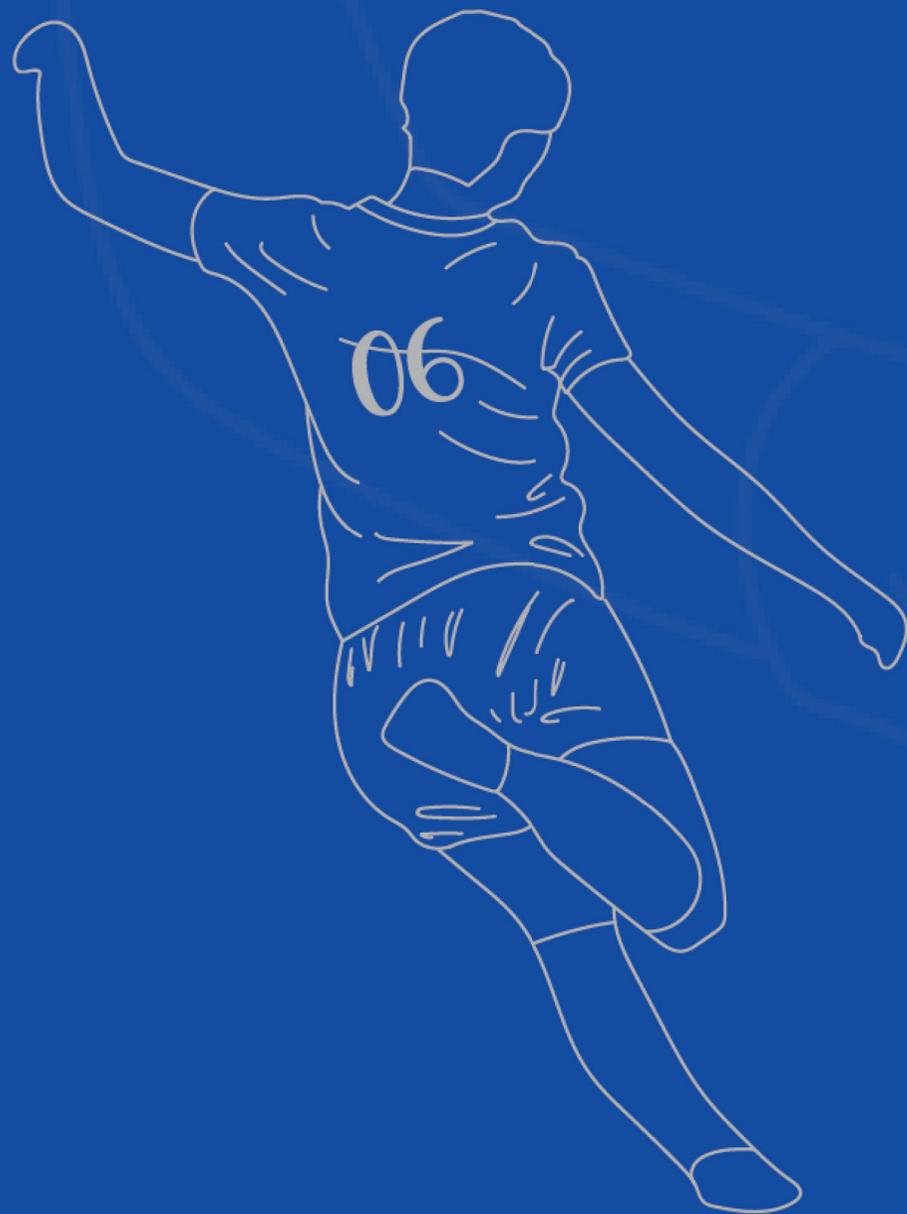
Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo Dorivane G. da Silva



Foto: Acervo pessoal



FANTA





RANITA FANTA

Nome completo

Rosilane Camargo Motta

Data de nascimento

14/09/1968

Cidade

Rio de Janeiro (RJ)

Posição que jogava

Lateral esquerda e zagueira

Destaques na seleção

- 4º Lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
- Tricampeã Sul-Americana (1991, 1995 e 1998)
- Medalha de bronze no Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (1988)
- Medalha de bronze na Copa do Mundo dos EUA (1999)

Criada no subúrbio do Rio de Janeiro, Fanta começou a jogar futebol nos campinhos de barro na Zona Oeste da cidade. Convidada pela amiga Pelé para fazer um teste visando a disputar o I Campeonato Carioca, em 1983, participou da competição pela equipe do Campo Grande. Organizado pela Divisão Feminina de Futebol de Campo, a edição inaugural do campeonato contou com a participação de doze equipes, o que demonstra que o futebol de mulheres não surge apenas após a sua regulamentação. A competição foi vencida pelo Esporte Clube Radar, mesma equipe que venceu o I Campeonato Brasileiro, realizado no mesmo ano, reunindo oito equipes. Foi no Radar que Fanta se projetou no futebol e chegou à seleção brasileira, na qual se manteve até a preparação para os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000.

Na década de 1980, a equipe do Radar formava a base da seleção. Eurico Lira, seu dirigente, era referência no futebol de mulheres, e por um certo período foi o responsável pela convocação das jogadoras. O Radar foi a equipe que representou o Brasil no Mundialito de 1986, em Jesolo, na Itália, e cedeu o maior número de jogadoras para a seleção que disputou o I Torneio Internacional de Futebol Feminino realizado na China, em 1988. Fanta participou desse movimento, conquistou seu espaço na seleção e cravou seu nome na história da modalidade. Aliás, o nome como é conhecida no universo futebolístico, Fanta, aparece nesse período. Inicialmente era chamada de Fantasma ou Fantasmilha porque, quando jogava no Madureira, no Rio de Janeiro, o treina-

dor, Zequinha, percebeu que ela sumia quando ele dava as instruções para a equipe. “Essa menina parece um fantasma”, dizia ele. Como no futebol tudo pega, assim Rosilane começou a ser chamada. A redução para Fanta aconteceu em 1988, na seleção, porque o único refrigerante que ela bebia era Fanta uva e laranja. A partir daí, o apelido pegou e Fanta Motta passou a ser sua assinatura.

Além de participar da I Copa do Mundo de Futebol Feminino (China, 1991) e dos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), Fanta representou o Brasil em três edições do Campeonato Sul-Americano (Maringá, 1991, Uberlândia, 1995 e Mar del Plata, 1998) e em mais duas edições da Copa do Mundo (Suécia, 1995 e EUA, 1999). Ao longo de sua trajetória, jogou em outras equipes cariocas como o São José, Madureira e Vasco da Gama. Em São Paulo, defendeu o Santos e a Associação Sabesp de Futsal. Passou ainda pelo futebol mineiro atuando pelo Santa Cruz, de Belo Horizonte. Por todos os elencos que passou era conhecida como uma jogadora que contagiava positivamente o ambiente. No convívio dentro do grupo, se destacava pela alegria, leveza, espírito brincalhão e pela facilidade que tinha de fazer as colegas rirem. Mas não era só isso: também era aquela que se posicionava e reivindicava direitos, preocupada com a organização e a estrutura da modalidade. Por isso, era vista como uma atleta polêmica, o que talvez tenha lhe custado a permanência no futebol. Fanta não parou de jogar porque quis, mas porque não foi mais convocada. Em 2003, deixou de jogar coincidentemente no

mesmo clube no qual iniciou sua carreira, o Campo Grande. Depois de sair dos campos, atuou até 2018 em projetos sociais com a função de integradora e auxiliar técnica de futebol.

Memórias

Copa do Mundo:

“Sem dúvida alguma minha melhor lembrança é a participação na primeira copa oficial de futebol feminino, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). Lembro também que foi a confiança, a esperança e a união do time que nos levou a conquistar uma medalha de bronze no Torneio Experimental de 1988, mesmo sem apoio, recurso e estrutura da CBF”.

Jogos Olímpicos

“Lembro com muito, muito louvor da participação na primeira Olimpíada que incluiu o futebol feminino como esporte olímpico. Foi o começo de um novo ciclo para a seleção brasileira. E conquistamos o quarto lugar”.

CAMPEONATO BRASILEIRO NÃO OFICIAL

Com a regulamentação do futebol de mulheres em 1983, começaram a despontar os campeonatos oficiais organizados pelas entidades gestoras do futebol. A CBF e as federações estaduais passaram a considerar a modalidade inclusive porque esta era uma prática que já existia, a despeito da sua oficialização. Ainda assim, a pouca estruturação e o não reconhecimento do futebol delas, produziu uma descontinuidade de competições na história da modalidade. Uma maior sistematicidade no calendário aconteceu recentemente em função de algumas determinações da FIFA, da CONMEBOL e da CBF que obrigaram os clubes filiados a investir em equipes de mulheres.

CAMPEONATOS NACIONAIS

Ano	Campeão	Vice Campeão
1983	Radar - RJ	Goiás - GO
1984	Radar - RJ	Atlético - MG
1985	Radar - RJ	Internacional - RS
1986	Radar - RJ	Brasília - DF
1987	Radar - RJ	Vila Dimas - DF
1988	Radar - RJ	Portuguesa
1989	Saad - SP	Não disponível
1990	Independente - PA	Não disponível
1991	Sul América - AM/Saad - SP	
1992	NÃO REALIZADO	NÃO REALIZADO
1993	Vasco - RJ	Saad - MS
1994	Vasco - RJ	Euroexport - BA
1995	NÃO REALIZADO	NÃO REALIZADO
1996	Saad - MS	Vasco - RJ
1997	São Paulo - SP	Lusa Sant'ana - SP
1998	Vasco - RJ	Portuguesa
1999/00	Portuguesa - SP	Palmeiras
2001	Santa Isabel - MG	Matonense - SP
2002	NÃO REALIZADO	NÃO REALIZADO
2003	Saad - MS	Santos - SP
2004/05	NÃO REALIZADO	NÃO REALIZADO
2006	Botucatu - SP	CEPE - Caxias - RJ
2007	Santos - SP	Botucatu - SP
2008 - 2012	NÃO REALIZADO	NÃO REALIZADO

CAMPEONATOS NACIONAIS

Ano	Campeão	Vice Campeão
2013	Centro Olímpico - SP	São José - SP
2014	Ferroviária - SP	Kinderman - SC
2015	Rio Preto - SP	São José - SP
2016	Flamengo - RJ	Rio Preto - SP
2017	Santos - SP	Corinthians - SP
2018	Corinthians - SP	Rio Preto - SP
2019	Ferroviária - SP	Corinthians - SP
2020	Corinthians - SP	Kinderman - SC
2021	Corinthians - SP	Palmeiras - SP
2022		



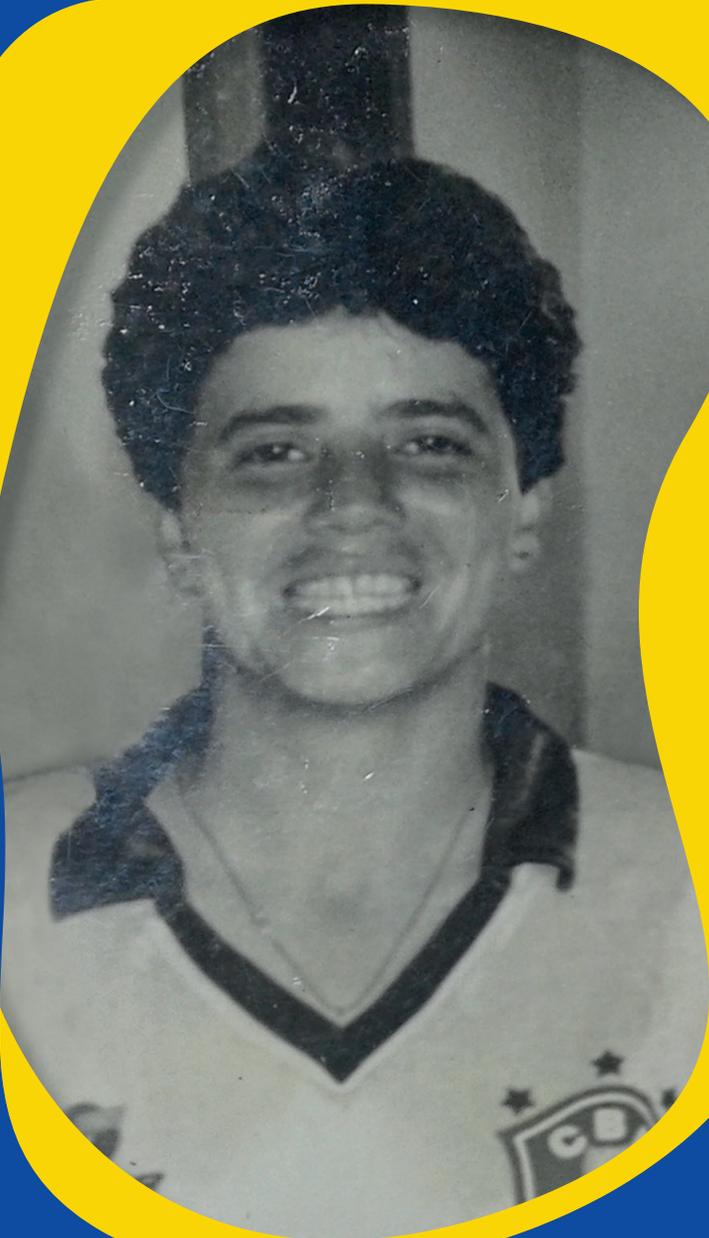






MARISA





MARISA

Nome completo

Marisa Pires Nogueira

Data de nascimento

10/08/1966

Cidade

Rio de Janeiro (RJ)

Posição que jogava

Zagueira/Lateral Direita

Destaques na seleção

- 4º Lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
- Tricampeã Sul-Americana (1991, 1995 e 1998)
- Medalha de bronze no Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (1988)
- Medalha de bronze na Copa do Mundo dos EUA (1999)

Destaque individual

- Primeira capitã da seleção brasileira.

Assim como várias jogadoras da sua geração, a carioca Marisa brincava de futebol na rua com os meninos. Com 11 anos, a convite da amiga Russa que também se tornou jogadora da seleção, começou a treinar na Vila Hípica, onde permaneceu até os 13 anos, quando foi morar na Toca do Castor e jogar pelo Bangu. Enquanto sua mãe e irmãos a apoiavam, o pai não gostava que ela estivesse envolvida com o futebol, pois tinha muito preconceito com essa prática. Ainda menina, Marisa percebeu que o futebol poderia ser um meio de ajudar financeiramente a família e, em função disso, abriu mão dos estudos para se tornar jogadora. Castor de Andrade foi uma figura essencial para essa percepção de Marisa que o identificava como um “paizão”, uma pessoa que juntamente com a esposa, Wilma, investia no futebol de mulheres, demonstrando cuidados com as atletas e suas famílias. A comissão técnica do Bangu, ao identificar o seu perfil de liderança, sugeriu que ela mudasse sua posição em campo. Fisicamente ela se destacava pela velocidade, tinha várias qualidades técnicas, e por falar muito durante o jogo e orientar as companheiras de equipe, deixou de ser ponta direita para se tornar zagueira central na defesa. Essas características a conduziram para a função de capitã da equipe e, posteriormente, do Radar e da seleção. Nesse momento, o grande adversário do Bangu era o Radar, dirigido por Eurico Lira, equipe esta que levou Marisa a participar de competições internacionais e da primeira seleção brasileira convocada em 1988 para disputar o I Torneio Internacional de Futebol Feminino na China, o primeiro organizado pela FIFA. Muita coisa estava em jogo

nesse momento: se o Torneio fosse um desastre, o futebol de mulheres permaneceria na condição que estava, ou seja, nas zonas de sombra. A organização da I Copa do Mundo de Futebol Feminino e a consequente visibilidade da modalidade aconteceu em função do sucesso desse evento. Esse campeonato foi significativo para Marisa, que gravou sua história no futebol brasileiro também por ter sido a primeira capitã da seleção.

O ciclo de Marisa com a amarelinha se encerrou no ano 2000, durante o período preparatório para os Jogos Olímpicos de Sidney. Ao longo de sua trajetória, ela integrou a equipe que representou o Brasil nos Campeonatos Sul-Americanos de Maringá (1991), Uberlândia (1995) e Mar del Plata, na Argentina (1998), nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e na Copa do Mundo da China (1991) e dos Estados Unidos (1999), conquistando a medalha de bronze. Marisa disputou vários campeonatos nacionais e vestiu a camisa de clubes como o Vasco da Gama, Fluminense, Saad, São Paulo, Palmeiras e Portuguesa de Desportos, clube no qual encerrou sua carreira aos 33 anos. Atualmente é técnica de futebol.



Foto: Acervo Dorivane G. da Silva

O PRIMEIRO TORNEIO ORGANIZADO PELA FIFA

O Torneio Internacional de Futebol Feminino, sediado na China, foi organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) no ano de 1988 como um teste para a realização da I Copa do Mundo da FIFA que aconteceu três anos depois, em 1991, no mesmo país. A escolha da China para sediar a competição se deu por dois motivos: por causa da atuação da Confederação Asiática de Futebol Feminino que, em 1975, já havia organizado um campeonato e pela atuação de um magnata, Dr. Henry Fok, que era membro do comitê executivo da FIFA e convenceu a AFC e a Associação Chinesa de Futebol a apoiar o Torneio.

Data: 01 a 12 de junho

Participantes: Noruega, Suécia, Brasil, China, Austrália, Canadá, EUA, Costa do Marfim, Tailândia, Holanda, Japão e Tchecoslováquia

Público total: 375.780

Média de público por jogo: 14.453

Total de partidas: 26

Total de gols: 81

Média de gols por partida: 3,1

Campanha do Brasil :

01 de junho	Austrália 1x0 Brasil	(Fase de grupos)
03 de junho	Brasil 2x1 Noruega	(Fase de grupos)
06 de junho	Brasil 9x0 Tailândia	(Fase de grupos)
08 de junho	Brasil 2x1 Holanda	(Quartas de final)
10 de junho	Brasil 1x2 Noruega	(Semi final)
12 de junho	Brasil (4)0x0(3) China	(Disputa do 3° lugar)

All Star Time : Roseli e Cebola

Cebola artilheira com 5 gols.

Elenco: Lica, Russa, Fanta, Michael Jackson, Elane, Pelezinha, Sandra, Simone, Suzana, Fia Paulista, Marcinha, Roseli, Suzy, Flordelis, Lúcia Feitosa, Cebola, Sissi e Marisa (capitã).



Foto: Acervo Lunalva T. de Almeida



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal



MEG



Foto: Thais Magalhães/CBF



MEG

Nome completo

Margarete Maria Pioresan

Data de nascimento

01/01/1956

Cidade

Toledo (PR)

Posição que jogava

Goleira

Destaques na seleção futebol

- 4º Lugar Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
- Bicampeã Sul-Americana (1991 e 1995)

Destaques na seleção handebol

- Medalha de bronze no Pan-Americano de Indianápolis (1987)

Meg nasceu e viveu sua infância no interior do Paraná, onde brincava de queimada e de bolinha de gude, subia em árvore e nadava no rio. Sua mãe nunca a recriminava por voltar suja para casa, nem seu pai, que se divertia e jogava com ela. Os limites que vivenciou foram influenciados por algumas convenções sociais da época que cerceavam a liberdade das mulheres. Meg se incomodava com algumas imposições como, por exemplo, usar vestido, esticar o cabelo e exibir uma aparência identificada como própria de uma menina. Em Toledo, permaneceu até 1975 quando saiu de casa para cursar Educação Física na cidade de Maringá. Lá iniciou a sua carreira como atleta, inicialmente no handebol, esporte que praticou por longo período, sendo inclusive goleira da seleção brasileira dessa modalidade. Meg tem uma história rara: foi goleira da seleção nacional em dois esportes, no handebol e no futebol, que acabou entrando em sua vida quando foi morar no Rio de Janeiro para cursar Fisioterapia. Foi nas areias de Copacabana que ela deu seus primeiros chutes como centroavante e, mesmo não se considerando uma boa jogadora, gostava de correr atrás da bola. Eurico Lira, presidente do Radar, iniciou o time no futebol de areia e foi lá que viu Meg atuar. O convite para integrar o elenco do clube veio em seguida e, conhecedor de sua história como goleira de handebol, determinou que ela fosse a titular dessa posição. Em 1988, foi convocada para integrar a seleção que disputou o Torneio Internacional de Futebol Feminino na China, mas recusou porque estava prestes a disputar o Campeonato Mundial de Handebol, que aconteceu na Bulgária no ano seguinte. Meg

era apaixonada por handebol e, entre 1983 e 1989, participou de muitas competições oficiais da modalidade como Campeonatos Mundiais, Sul-Americanos, Jogos Pan-Americanos, entre outras. Encerrou sua carreira nesse esporte com 34 anos.

O anúncio da realização da I Copa do Mundo de Futebol Feminino e a provável inserção da modalidade nos Jogos Olímpicos foram as principais razões para atender a uma nova convocação. Dessa vez, em 1991, para disputar o I Campeonato Sul-Americano realizado na cidade de Maringá, torneio classificatório para o Mundial. Afastada do futebol desde 1984 e já com 35 anos, estreou na seleção, na qual permaneceu até a conquista do quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Meg conquistou o bicampeonato Sul-Americano (Maringá, 1991 e Uberlândia, 1995) e defendeu a meta brasileira na Copa do Mundo da China (1991) e da Suécia (1995). Além do Radar, atuou também pelo Vasco da Gama, clube no qual encerrou a carreira aos 44 anos. Atuou como comentarista esportiva e atualmente é professora aposentada pela Rede Municipal do Rio de Janeiro.

Memórias

Copa do Mundo

“Nós fomos para o Mundial como um dos patinhos feios porque estávamos iniciando. Vínhamos de décadas no limbo com a proibição pelo decreto do Vargas. Treinamos um período relativamente curto e fomos para ver o que nos esperava. Primeiramente a estranheza da comida, a maior parte das meninas não comia o que tinha lá. E isso já foi um déficit alimentar. Da minha parte foi o seguinte: eu não tinha uma luva com aderência adequada e um dirigente da CBF saiu comigo por Guangzhou para comprar uma porque a CBF não havia disponibilizado luvas. Eu também sentia muita responsabilidade por ser uma veterana, estava com 35 anos. Eu fiquei sozinha no quarto e nele ficava treinando, correndo, fazendo polichinelo e abdominal porque eu sabia que vinha pedrada pela frente”.

Jogos Olímpicos

“Nós conseguimos a classificação e isso foi uma vitória pessoal minha e também do grupo, mas minha particularmente porque aguentei até os quarenta anos para ir para uma Olimpíada. Nós conseguimos a classificação, fomos para Atlanta e entramos gloriosas na Vila Olímpica porque vários atletas de diferentes modalidades tinham assistido aos jogos pela televisão e nos aplaudiram. Isso foi fantástico!”

CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL FEMININO

A primeira edição do Campeonato Sul-Americano aconteceu em 1991 na cidade de Maringá. Foi organizado pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) como torneio classificatório para a I Copa do Mundo de Futebol que aconteceu na China, em 1991.

1ª EDIÇÃO DO CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL FEMININO 1991

Sede : Maringá (PR)

Estádio: Willie Davis

Participantes: Brasil, Chile e Venezuela

Elenco: Meg, Simone, Miriam, Irá, Solange, Suzi, Nalvinha, Roseli, Fanta, Danda, Adriana, Dai, Dori, Elane, Russa, Pelezinha, Marcinha, Marcia Tafarel, Marisa e Fia Paulista.

Campanha do Brasil:

28 de abril Brasil 6x1 Chile

01 de maio Chile 1x0 Venezuela

05 de maio Brasil 6x0 Venezuela

Artilheira: Adriana Viola com 4 gols

2° EDIÇÃO DO CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL FEMININO 1995

Sede: Uberlândia (MG)

Estádio: João Havelange (Parque do Sabiá)

Participantes: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e Equador.

Elenco: Meg, Valéria, Tânia Maranhão, Cenira, Fia Carioca, Leda, Pretinha, Bel, Miriam, Michael Jackson, Duda, Solange, Suzi, Nalvinha, Roseli, Elane, Fanta, Russa, Márcia Tafarel, Sissi, Marisa e Rosa.

Campanha do Brasil:

08 de janeiro Brasil 13x0 Equador

10 de janeiro Brasil 6x1 Chile

14 de janeiro Brasil 8x0 Argentina

18 de janeiro Brasil 15x0 Equador

21 de janeiro Final: Brasil 2x0 Argentina

Artilheira: Sissi com 12 gols

CAMPEONATOS SUL-AMERICANOS

Ano	Sede	Campeão	Vice-Campeão	3º Lugar
1991	Maringá (PR)	Brasil	Chile	Venezuela
1995	Uberlândia (MG)	Brasil	Argentina	Chile
1998	Mar del Plata (ARG)	Brasil	Argentina	Peru
2003	Peru	Brasil	Argentina	Colômbia
2006	Mar del Plata (ARG)	Argentina	Brasil	Uruguai
2010	Equador	Brasil	Colômbia	Chile
2014	Equador	Brasil	Colômbia	Equador
2018	Chile	Brasil	Chile	Argentina
2022	Colômbia			

Observação: O Campeonato Sul-Americano foi assim denominado até 2010. A partir de 2014 passou a ser intitulado de Copa América.



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal



RELANE





ELANE

Nome completo

Elane dos Santos Rego

Data de nascimento

04/06/1968

Cidade

Rio de Janeiro (RJ)

Posição que jogava

Zagueira

Destaques na seleção

- 4º Lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
- Tricampeã Sul-Americana (1991, 1995 e 1998)
- Medalha de bronze no Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (1988)
- Medalha de bronze na Copa do Mundo dos EUA (1999)

Destaque individual

- Marcou o primeiro gol da seleção brasileira em mundiais. Foi na China em 1991.

Como boa parte das meninas, Elane começou a jogar futebol na rua com os vizinhos e familiares. Com 9, 10 anos de idade, já lutava para fazer aquilo que gostava apesar do preconceito que identificava em pessoas da sua convivência. Quando a família se mudou do bairro Madureira para o Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro, foi convidada por outras meninas para participar de uma partida de futebol, na qual se deparou, pela primeira vez na vida, com a existência de duas equipes só de garotas. Foi nesse momento que se deu conta que não era a única a jogar bola e que não estava errada, mesmo quando praticava esse esporte que parecia ser somente dos meninos. Ali ela se encontrou e percebeu que era isso que queria para sua vida: jogar futebol! Elane foi vista por um olheiro do São Cristóvão, time que passou a integrar depois de ser aprovada em uma peneira. Meses depois, com 15 anos, foi para o Bonsucesso conquistando o título de campeã juvenil, acreditando que um dia seria profissional da bola. Esse sonho fez com que abandonasse os estudos e focasse sua vida no futebol. Dali seguiu para a Portuguesa e, por volta de 1986, foi para o Radar compondo a base da seleção de 1988. Para ela, chegar ao Radar foi uma glória pela representatividade que o clube tinha nesse período. Elane também atuou no futebol paulista por aproximadamente quinze anos, defendendo o Santos, o Corinthians e o São Paulo. Encerrou sua carreira em 2001 no futebol carioca quando atuava pelo Barra de Teresópolis (RJ). A zagueira vestiu a camisa canarinho desde as primeiras convocações da seleção, disputando várias competições, inclusive o Torneio Internacional da

China, conquistando a medalha de bronze. Foi a brasileira que fez o primeiro gol em um mundial, no jogo de estreia do Brasil, contra o Japão, na I Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA (China, 1991). Aliás, foi o único gol e a única vitória da seleção brasileira naquela competição, pois foi desclassificada ainda na fase de grupos. A última convocação de Elane foi para participar do período preparatório para os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, competição que não disputou. Pela seleção, jogou ainda na Copa do Mundo da Suécia (1995) e na dos Estados Unidos (1999), na qual foi capitã na conquista da 3ª colocação. Elane foi tricampeã sul-americana e esbanjou seu talento em Maringá (1991), Uberlândia (1995) e Mar Del Plata (1998). Nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) já não era a capitã da equipe, mas foi uma das lideranças do grupo. De personalidade forte, do mesmo jeito que se impunha dentro de campo, fora dele era uma atleta de referência na articulação de reivindicações em defesa dos direitos das jogadoras e da modalidade. Essa característica pode ter lhe custado a permanência na seleção, assim como de outras que, ao longo da história, ergueram suas vozes. Após encerrar sua carreira em 2001, Elane trabalhou como motorista de ônibus na cidade do Rio de Janeiro.

Memórias

Copa do Mundo:

“O que mais chamou a atenção foi a viagem para a China, principalmente a de volta. Foi muito cansativa, muito longa, pegamos trem, barco, ônibus, avião. Meu Deus do céu! Foi uma viagem inusitada e muito cansativa”.

“Sobre o meu gol, o primeiro do Brasil em uma Copa do Mundo, eu lembro que a gente treinava muito essa bola porque eu era uma das mais altas naquela seleção, então, eu procurava me posicionar sempre no segundo pau e a Sissi sempre me procurando. Sissi batia bem na bola, batia bem o escanteio, era uma jogada muito treinada. Naquela época, as goleiras eram muito baixas e ela deixou escapar a bola. Saiu mal do gol, e como eu estava no segundo pau, a bola veio e apareceu de repente na minha coxa. Eu consegui dominar e bater para o gol. A bola entrou pouco porque elas marcavam muito, tinha sempre muita gente, mas a bola acabou entrando e o gol foi validado”.

Jogos Olímpicos

“No período de treinamento, a gente foi dois meses antes para os Estados Unidos. Ficamos em Rapid City (Dakota do Sul). Foi bastante

tempo, uma preparação que a gente nunca tinha feito fora do Brasil e, conseqüentemente, surtiu efeito. Foi muito importante esse período fazendo amistosos, torneios principalmente com a seleção dos EUA. Acho que isso foi um ponto muito positivo para a gente ir bem na Olimpíada”.



Foto: Acervo Márcia Tafarel

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO FIFA

A organização do primeiro campeonato mundial do futebol de mulheres tardou a acontecer. A FIFA só direcionava sua atenção para o futebol dos homens, realizando a primeira edição da Copa do Mundo em 1930, no Uruguai. Enquanto isso, algumas entidades começaram a promover campeonatos entre países como a Copa da Europa das Nações, sediada na Itália em 1969, com organização da recém criada Federação Internacional Européia de Futebol Feminino (FIEFF). Em 1970, novamente na Itália, houve um novo campeonato reunindo seleções de diferentes continentes, evento que teve a sua segunda edição no México no ano seguinte. Com a chancela da FIFA, em 1988, foi realizado o Torneio Experimental da China, competição preparatória para o primeiro mundial que aconteceu no mesmo país em 1991. Desde então, a Copa do Mundo de Futebol Feminino acontece a cada quatro anos chegando a 2019 em sua oitava edição.

ANO	SEDE				BRASIL
1991	China	EUA	Noruega	Suécia	9º Lugar
1995	Suécia	Noruega	Alemanha	EUA	9º Lugar
1999	EUA	EUA	China	Brasil	-
2003	EUA	Alemanha	Suécia	EUA	5º Lugar
2007	China	Alemanha	Brasil	EUA	-
2011	Alemanha	Japão	EUA	Suécia	5º Lugar
2015	Canadá	EUA	Japão	Inglaterra	9º Lugar
2019	França	EUA	Holanda	Suécia	10º Lugar
2023	Austrália				



Foto: Acervo Margareth Pioresan (Meg)



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo Juliana Cabral



Foto: Acervo Juliana Cabral



PRETINHA





PRETINHA

Nome completo

Delma Gonçalves

Data de nascimento

19/05/1975

Cidade

Rio de Janeiro (RJ)

Posição que jogava

Atacante

Destaques na seleção

- 4º Lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
- 4º Lugar nos Jogos Olímpicos de Sidney (2000)
- Medalha de Prata nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e de Pequim (2008)

Pretinha brincava de futebol na rua Senador Camará, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. Aos 16 anos, foi destaque em um amistoso contra a seleção brasileira jogando pela Liga de Desportos Nova Iguaçu, o que lhe rendeu a convocação para a Copa do Mundo da China em 1991. Depois da competição, jogou pelo Clube dos Subtenentes e Sargentos do II Exército, onde ficou até 1993, quando acertou com o Vasco da Gama, permanecendo no clube até 2000. Nesse clube fez história: nos nove anos em que vestiu a camisa cruzmaltina, marcou 62 gols, conquistou três campeonatos nacionais e cinco títulos estaduais, tornando-se a maior artilheira do Vasco em jogos oficiais. Em 2001, foi para os Estados Unidos, onde disputou a Liga Norte-Americana pelo Washington Freedom e San Jose CyberRays. Uma lesão no joelho a afastou dos campos, inclusive do Mundial de 2003, realizado nos EUA. Pela seleção, Pretinha disputou quatro edições da Copa do Mundo: China (1991 e 2007), Suécia (1995) e Estados Unidos (1999). Nos Jogos Olímpicos, também participou de quatro edições: Atlanta (1996), Sidney (2000), Atenas (2004) e Pequim (2008). Participou de três edições do Campeonato Sul-Americano (Uberlândia, 1995, Mar del Plata, 1998 e Peru, 2003) sagrando-se tricampeã. Com a amarelinha, ainda conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, realizados em 2007. Em 2014, aos 39 anos, foi convocada para um amistoso contra a seleção da França disputado na cidade de Lyon, mesmo sem atuar na seleção desde 2008. Pretinha foi a primeira atleta a marcar gol em três edições da Copa do Mundo: na Suécia, em



Foto: Acervo Márcia Tafarel

1995, e na China, em 2007, balançou uma vez a rede; nos Estados Unidos marcou três vezes. Em 2019, foi convidada pela Presidência da CBF para integrar o conselho de craques da instituição juntamente com outra pioneira, a jogadora Michael Jackson. Fora do país, a atacante também atuou no Japão e na Coreia do Sul, onde encerrou sua carreira no Icheon Daekyo em 2015.



Foto: Acervo Márcia Tafarel

ARROWHEAD

O FUTEBOL DE MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS

Os Jogos Olímpicos Modernos tiveram início em 1896, na cidade de Atenas, sem a participação das mulheres. Elas foram autorizadas a fazer parte deste evento, apenas na sua segunda edição, realizada no ano de 1900 na cidade de Paris. E mesmo assim somente em duas modalidades: tênis e golfe, esportes de elite que não envolviam contato físico. Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos, acreditava que a inserção das mulheres no esporte competitivo poderia vulgarizar esse ambiente recheado de honras e conquistas dos homens. Para ele, as jogadoras de futebol não despertavam nenhum interesse pois tecnicamente não passavam de imitações imperfeitas que nada tinham a ensinar. Para os jogadores a história foi outra. Nos Jogos Olímpicos de Paris (1900) e de Saint Louis (1904) o futebol apareceu como esporte de demonstração sendo oficializado nos Jogos de Amsterdam realizados em 1908. O Brasil fez sua estreia nos Jogos Olímpicos de Helsinque (1952) com homens. Já as mulheres tiveram que esperar até 1996, edição na qual o futebol feminino foi admitido como modalidade olímpica. Desde então, nossa seleção participou de todas as edições da competição.

ANO	SEDE				BRAZIL
1996	Atlanta (EUA)	EUA	China	Noruega	4º Lugar
2000	Sidney (Austrália)	Noruega	EUA	Alemanha	4º Lugar
2004	Atenas (Grécia)	EUA	Brasil	Alemanha	-----
2008	Pequim (China)	EUA	Brasil	Alemanha	-----
2012	Londres (Inglaterra)	EUA	Japão	Canadá	6º Lugar
2016	Rio de Janeiro (Brasil)	Alemanha	Suécia	Canadá	4º Lugar
2020	Tóquio (Japão)	Canadá	Suécia	EUA	6º Lugar *

Observação: Em função da pandemia de Covid-19 os Jogos Olímpicos de Tóquio aconteceram no ano de 2021.

*Somente Brasil, Suécia e EUA participaram de todas as edições dos Jogos Olímpicos.



Foto: Acervo Elane dos Santos

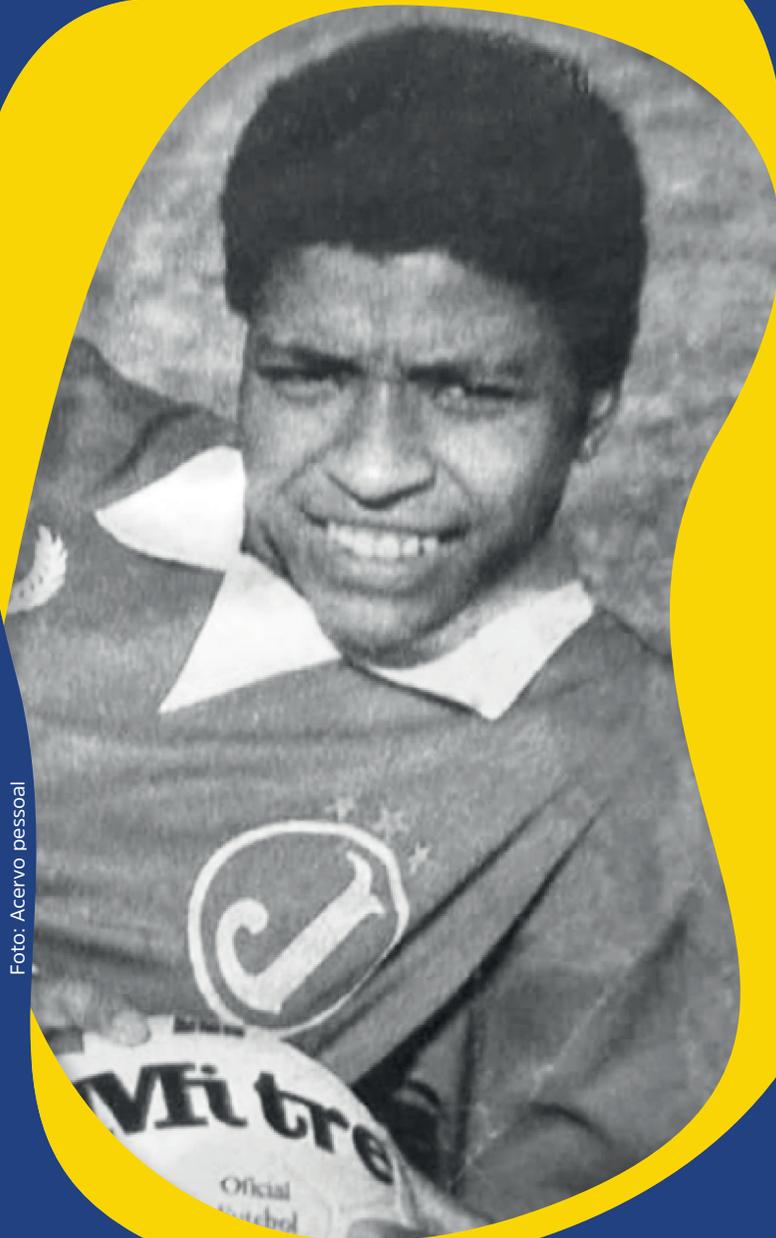




ROSELI



Foto: Thais Magalhães/CBF



ROSELI

Nome completo

Roseli De Belo

Data de nascimento

07/09/1969

Cidade

São Paulo (SP)

Posição que jogava

Atacante

Destaques na seleção

- 4º lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
- Tricampeã Sul-Americana em (1991, 1995 e 1998)
- Medalha de bronze no I Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (1988)
- Medalha de bronze no Mundial nos EUA (1999)
- Medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004)

Roseli começou a jogar futebol em um campinho na Zona Leste de São Paulo, região onde morava e brincava com os meninos desde os 8 anos de idade. Ali participou de torneios, morava na rua São Carlos e jogava contra equipes de outras ruas do bairro. Com a turma do futebol, vendia latinha para depois dos jogos comer pão com mortadela e refrigerante. Tinha três irmãos bons de bola que não a deixavam jogar porque diziam que isso era coisa de homem. Sua mãe não aprovava que nenhum dos filhos jogasse futebol, uma profissão na qual ela não identificava futuro. Ainda assim, aos 15 anos, a convite de uma amiga que jogava no Juventus, Roseli fez um teste e passou a treinar na equipe. Ali se encontrou e, pela primeira vez, viu várias outras meninas jogando futebol. O treinador da época fazia o grupo correr em volta do campo e ela não quis mais participar porque detestava essa atividade. Como havia se destacado no treino coletivo, sua desistência não foi aceita e algumas jogadoras foram até sua casa para convencê-la a retornar. No Juventus, permaneceu por dois anos atuando no campo e no salão. Na época, seu treinador a considerava fominha e, por esse motivo, durante os coletivos, além da bola do jogo, ela tinha que segurar outra em uma das mãos, porque assim ela tinha uma que era só dela. Essa característica, entre tantas outras, fez com que se tornasse uma das melhores atacantes do futebol brasileiro. Do Juventus foi para o Radar, onde teve a oportunidade de disputar seu primeiro torneio internacional, na Itália, em 1986. Como a mãe não autorizou que treinasse no time carioca, Roseli comprou sua passagem e foi para o Rio de Janeiro dei-

xando apenas um bilhete informando seu paradeiro. Ela tinha 17 anos e, em função da oferta de um bom salário, decidiu mudar-se para viver do futebol e ofertar melhores condições à família. Depois de dois dias, sua mãe, que nunca havia saído de São Paulo, desembarcou no Rio com o intuito de buscar a filha, no entanto, mudou de opinião depois de uma conversa que teve com dirigentes do Radar, que insistiram na permanência dela em função de seu talento. Roseli vestiu a amarelinha pela primeira vez para disputar o Torneio Internacional de Futebol Feminino na China em 1988, conquistando a medalha de bronze. Foi tricampeã sul-americana em Maringá (1991), Uberlândia (1995) e Mar del Plata (1998) e, nesse último, consagrou-se como artilheira marcando 16 gols. Roseli representou o Brasil em três edições dos Jogos Olímpicos (Atlanta, 1996, Sidney 2000 e Atenas 2004) e dois Mundiais (China, 1991 e Suécia, 1995). Pela seleção, disputou 76 jogos oficiais marcando 72 gols. No Brasil, a atacante atuou ainda pelo São Paulo, Vasco da Gama, Corinthians, Saad, São Caetano e Palmeiras, onde encerrou a carreira em 2010. No futebol de salão teve passagem pela Bordon, Euroexport e Associação Sabesp, modalidade que garantiu melhores condições salariais. Roseli sempre pensou em viver do futebol e dar uma moradia para sua mãe, o que só conseguiu quando se transferiu para jogar no Japão, onde assinou seu primeiro contrato profissional com a equipe Takarazuka Bunnys no ano de 1995. Nos anos 2001 e 2002, atuou nos Estados Unidos jogando pelo Washington Freedom EUA e pelo Mistik-Kansas. Roseli decidiu parar de jogar aos 41 anos quando

percebeu que estava perdendo espaço na equipe e que já não tinha mais vontade de treinar. Assim que deixou os campos, trabalhou por sete anos em projetos vinculados à Prefeitura Municipal de Osasco.

Memórias

Jogos Olímpicos

“Eu não tinha noção da grandeza que era a Olimpíada. Eu fui ter quando eu cheguei lá e fiquei boba. Era uma coisa maravilhosa, nunca vou esquecer do que aconteceu, do que nós fizemos lá. Eu queria ter uns 20 anos para viver isso tudo de novo. É bom demais mesmo”.

“Lembro do gol contra o Japão. A Delma tocou pra mim, eu fui embora, fui embora, aí a goleira estava saindo e eu toquei no canto da goleira. Driblei duas zagueiras e marquei o gol”.

DESTAQUES INDIVIDUAIS

Desde a primeira convocação da seleção, várias brasileiras destacaram-se no cenário internacional honrando o futebol brasileiro. Eis algumas delas:

Nome	Premiação
Roseli de Belo	1988 - Juntamente com Cebola integrou o All Star Time do Torneio Internacional na China
Sisleide Lima do Amor (Sissi)	1999 - Artilheira da Copa do Mundo dos EUA junto com Sun Wen (7 gols). Recebeu a chuteira de ouro da competição. 2017 - 1ª brasileira FIFA LEGEND
Kátia Cilene	2003 - Chuteira de Bronze Mundial dos EUA com (4 gols)
Marta Vieira da Silva (Marta)	Eleita seis vezes como a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA (2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018) 2007 - Bola e chuteira de Ouro - Mundial China (7 gols) 2019 - Chegou a marca de 17 gols em Copas do Mundo, recorde inserido no Guinness Book em 2021
Miraildes Maciel Mota (Formiga)	2019 - Participou de 7 das 8 edições da Copa do Mundo. Só não esteve no Mundial de 1991 2021 - Única atleta do futebol a participar de todas as edições dos Jogos Olímpicos

Nome	Premiação
Cristiane Rozeira	<p>2004 - Artilheira dos Jogos Olímpicos de Atenas junto com Birgit Prinz (5 gols)</p> <p>2007 e 2008 - Eleita pela FIFA como a 3ª melhor jogadora do mundo</p> <p>2008 - Artilheira dos Jogos Olímpicos de Pequim (5 gols)</p> <p>2016 - Nos Jogos do Rio de Janeiro tornou-se a maior artilheira dos Jogos Olímpicos totalizando 14 gols</p>
Juliana Cabral	2004 - Única brasileira a atuar em mais de uma edição olímpica sem ser substituída nem ficar no banco. Foram 11 jogos e 1020 minutos de atuação
Emily Lima	<p>2013 - Primeira mulher a comandar a seleção feminina sub-17</p> <p>2016 - Primeira mulher a comandar a seleção feminina principal</p>
Rosana dos Santos Augusto	2018 - Jogadora com a maior diversidade de títulos da história do futebol mundial
Tatiele Silveira	2019 - Primeira mulher a vencer uma edição do Campeonato Brasileiro de mulheres como técnica do Ferroviária
Lindsay Camila	2020 - Primeira mulher a vencer uma edição da Copa Libertadores Feminina de mulheres como técnica do Ferroviária
Simone Jatobá	2022 - Primeira mulher a vencer um campeonato continental como técnica da seleção brasileira de mulheres no Campeonato Sul-Americano Sub-17

CRONOLOGIA

1900 Inserção do Futebol Masculino nos Jogos Olímpicos (Paris)

1930 I Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA (Uruguai)

1941 Publicação do Decreto-Lei 3.199 - CND (14 de abril)

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades esportivas do país

1956 Nascimento de Meg (01 de janeiro)

1958 Oficialização do futebol de salão pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD)

1965 Publicação da Deliberação 07 - CND

Nomeia as modalidades proibidas para as mulheres: lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, polo, rugby, hanterofilismo e baseball

1966 Nascimento de Marisa (10 de agosto)
Nascimento de Fanta (14 de setembro)

1968 Nascimento de Márcia Tafarel (15 de março)
Nascimento de Elane (04 de junho)

1969 Nascimento de Roseli (07 de setembro)

1970 I Campeonato de Futebol Feminino (Itália) - não é considerado oficial porque não foi organizado pela FIFA

Participantes: 1° Dinamarca, 2° Itália, 3° México, 4° Inglaterra, Alemanha Ocidental, Áustria e Suíça

1971 II Campeonato de Futebol Feminino (México) - não é considerado oficial porque não foi organizado pela FIFA

Participantes: 1° Dinamarca, 2° México, 3° Itália, 4° Argentina, 5° França, 6° Inglaterra

Primeiro jogo internacional reconhecido pela FIFA

Disputado entre França e Holanda na cidade de Hazebrouck (França)

1975 Nascimento de Pretinha (19 de maio)

1979 Revogação do Decreto-Lei 3.199

O CND até 1983 impôs regras modificadas, como tempo de jogo mais curtos, proteção de corpo inteiro e prevenção de trocas de camisa após as partidas

1982 Realização de um jogo de mulheres entre as seleções paulista e carioca (12 de setembro)

Preliminar de Corinthians x São Paulo no Pacaembu

1983 Publicação da Deliberação 01-CND (11 de abril)

Regulamenta o futebol de mulheres e dispõe sobre as normas básicas para a sua prática

1983 Realização de um jogo preliminar de mulheres entre as equipes do Esportivo Bento Gonçalves e Sport Clube Rio Grande (17 de abril)

Preliminar de São Paulo x Grêmio no Estádio Olímpico (Porto Alegre)

I Taça Brasil

Participantes: Corinthians (SP), Goiás (MT) e Cruzeiro (MG)

Campeão: Radar (RJ)

1988 Torneio Internacional de futebol feminino (China)

Austrália 1 x 0 Brasil - primeiro Jogo oficial em competição organizada pela FIFA

Wayta Della Pria, 1ª mulher a dirigir um time de futebol (Rio Preto Esporte Clube)

1989 FIFA organiza o primeiro curso de instrução para árbitras

1991 I Campeonato Sulamericano de Futebol Feminino (Maringá) - Brasil campeão

I Copa do Mundo Feminina da FIFA (China)

Campanha do Brasil:

Brasil 1x0 Japão (17 de novembro) - Elane marca o primeiro gol brasileiro em Copa do Mundo

Brasil 0x5 EUA (19 de novembro)

Brasil 0x2 Suécia (21 de novembro)

1995 II Campeonato Sulamericano de Futebol Feminino (Uberlândia)
Brasil bicampeão

II Copa do Mundo Feminina da FIFA (Suécia)

1996 Inserção do Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos (Atlanta)

Campanha do Brasil:

Brasil 2x2 Noruega (21 de julho) - Pretinha marca

os primeiros gols brasileiros em Jogos Olímpicos

Brasil 2x0 Japão (23 de julho) - Gols: Kátia Cilene e Pretinha

Brasil 1x1 Alemanha (25 de julho) - Gol: Sissi

Brasil 2x3 China (28 de julho) - Gols: Roseli e Pretinha

Brasil 0x2 Noruega (01 de agosto) - Brasil conquista a 4ª colocação

1999 Marisa encerra a carreira na Portuguesa (SP)

2000 Meg encerra a carreira no Vasco da Gama (RJ)

2002 Elane encerra a carreira no Barra de Teresópolis (RJ)

2003 Fanta encerra a carreira no Campo Grande (RJ)

2008 Márcia Tafarel encerra a carreira no Califórnia Storm East Bay Power (EUA)

2010 Roseli encerra a carreira no Palmeiras (SP)

2015 Pretinha encerra a carreira na Coréia do Sul

JOGOS INESQUECÍVEIS

I COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO (1991)

“O jogo da estreia em uma Copa do Mundo foi inesquecível. E também o jogo contra o Japão que ganhamos de 1 a 0 e que nos deu a esperança de tentar classificar como o terceiro colocado, já que a gente tinha perdido dois jogos. Mas infelizmente a gente não conseguiu classificar porque a gente só ganhou de 1 a 0 do Japão e precisava ganhar de pelo menos 2 a 0 para tentar o saldo de gols.”

• Márcia Tafarel

“Sem dúvida, o jogo contra a seleção do Japão foi inesquecível! Porque iniciamos a competição vencendo! Mesmo sem experiência, sem estrutura, sem recurso, mais uma vez da CBF na época.”

• Fanta

JOGOS OLÍMPICOS DE ATLANTA (1996)

“Os jogos que fizemos contra a Alemanha e a Noruega. Contra a Noruega, porque a gente estava jogando contra a atual campeã mundial, e a gente conseguiu empatar em um jogo muito difícil. A gente teve que defender muito bem, teve que correr o tempo todo e teve a felicidade de fazer dois gols com a Pretinha. Este jogo foi super importante no decorrer da competição para poder classificar para as semifinais.”

· Márcia Tafarel

“O jogo da Alemanha foi inesquecível porque foi o que nos classificou para as semifinais. Foi um jogo extremamente difícil a gente precisava ao menos empatar. A Alemanha fez o gol logo no começo, o que nos deu muita força para continuar jogando e lutando pelo resultado. Quando a Sissi fez o gol de empate, para a gente foi muito importante. No final foi uma explosão de emoção, ninguém conseguiu se conter: era choro, era pulo de alegria, era samba no pé mas muito mais era a emoção de ter conseguido tirar de uma semifinal uma seleção que era uma das favoritas ao título. Este foi um jogo extremamente importante e que me marcou muito.”

· Márcia Tafarel

“Os brasileiros sempre foram muito alegres, indo para o jogo, batucada, samba... a gente cantarolava no ônibus, tinha as meninas que levaram pandeiro e outros instrumentos. Então lembro sempre da alegria no vestiário para tentar já entrar nos jogos com boa energia. Isto é o básico de toda a seleção, para que a música seja agregada a um cotidiano que, às vezes, é bem puxado. A música nos anima e nos energiza.”

• Márcia Tafarel

“Com certeza, Brasil x China na semifinal. Foi um duelo inesquecível! Começamos perdendo, empatamos, viramos e no final do confronto, permitimos a virada da seleção da China. A vitória nos garantiria na disputa pela medalha de ouro ou, pelo menos, a medalha de prata. Mas o quarto lugar também foi honroso na nossa primeira competição olímpica.”

• Fanta

“O fato mais marcante para mim foi a nossa classificação no terceiro jogo da fase inicial contra a Alemanha. Nós precisávamos de um ponto, ou seja, de um empate para prosseguir na competição. A Alemanha era o bicho-papão, elas eram vice-campeãs mundiais, era um timaço patrocinado pela Mercedes-Benz. Nós conseguimos um empate em 1 X 1 e classificamos para a segunda fase. Mandamos elas de volta para casa.”

· Meg

“O jogo de estreia em uma competição como os Jogos Olímpicos que já dá um frio na barriga. Aquele jogo contra a Noruega, que nós empatamos em 2 x 2, foi inesquecível. Foi um jogo muito difícil. Ali nós ganhamos confiança de que a gente poderia ir longe porque a Noruega era uma das favoritas da competição. Esse jogo fez com que chegássemos ao quarto lugar”.

· Elane

“O jogo contra a China me marcou demais, é difícil eu lembrar das coisas, mas esse jogo... Era um calor danado e desgastou demais a gente. O jogo saiu das nossas mãos, escorreu das nossas mãos. Eu penso: será que se a gente tivesse um preparo físico melhor naquela época a gente tinha aguentado? Eu acho que nós não tivemos culpa de nada, não era para ser da gente”.

• Roseli

FICHA TÉCNICA COPA DO MUNDO FEMININA 1991 - CHINA

Países participantes (12)	Alemanha, Brasil, China, Dinamarca, Estados Unidos, Itália, Japão, Nigéria, Noruega, Nova Zelândia, Suécia e Taipé Chinesa
Público Total	510.000
Média de público por partida	19.615
Total de partidas	26
Total de gols na competição	99
Média de gols por partida	3,8

JOGOS DO BRASIL

17 de novembro (19:45) Brasil 1x0 Japão (Fase de Grupos)	Público: 14.000 Estádio: New Plaza Stadium (Foshan) Escalação: Meg, Elane, Marisa (Doralice), Solange, Rosângela, Marcinha, Rosa, Fanta, Fia Carioca, Roseli e Adriana (Cenira) Técnico: Fernando Pires Gol: Elane (4')
19 de novembro (19:45) Brasil 0x5 EUA (Fase de Grupos)	Público: 15.500 Estádio: Yingdong Panyu (Guangzhou) Escalação: Meg, Marisa, Elane, Rosa, Solange (Doralice), Nalvinha, Marcinha, Pelezinha (Pretinha), Fanta, Roseli e Cenira. Técnico: Fernando Pires
21 de novembro (15:30) Brasil 0x2 Suécia (Fase de Grupos)	Público: 12.000 Estádio: Yingdong Panyu (Guangzhou) Escalação: Meg, Marisa, Elane, Doralice, Rosa, Marcinha (Pretinha), Cenira, Márcia Tafarel, Fanta, Adriana (Nalvinha) e Roseli. Técnico: Fernando Pires.

FICHA TÉCNICA JOGOS OLÍMPICOS DE ATLANTA

Países participantes (8)	Alemanha, Brasil, China, Dinamarca, Estados Unidos, Japão, Noruega e Suécia
Público Total	691.762
Média de público por partida	43.235
Total de partidas	16
Total de gols na competição	53
Média de gols por partida	3,31

JOGOS DO BRASIL

21 de julho (15:00) Noruega 2x2 Brasil (Fase de Grupos)	Público: 45.946 (Fase de Grupos) Estádio: RFK (Washington DC) Escalação: Meg, Elane, Nenê (Marisa), Tânia, Fanta, Formiga, Sissi, Márcia Tafarel, Sônia (Kátia Cilene), Rosel e Pretinha (Michael Jackson) Técnico: José Duarte Gols: Pretinha (57' e 89')
23 de julho (16:30) Brasil 2x0 Japão (Fase de Grupos)	Público: 26.111 Estádio: Legion Field (Birmingham) Escalação: Didi, Elane, Nenê, Tânia, Fanta, Formiga, Siss, Márcia Tafarel, Sônia (Kátia Cilene), Roseli e Pretinha. Técnico: José Duarte Gols: Kátia Cilene (68') e Pretinha (78')
25 de julho (18:30) Brasil 1x1 Alemanha (Fase de Grupos)	Público: 28.319 Estádio: Legion Field (Birmingham) Escalação: Meg, Elane, Nenê, Tânia, Fanta, Formiga, Sissi, Márcia Tafarel, Kátia Cilene (Sônia), Roseli e Pretinha Técnico: José Duarte Gol: Sissi (53')
28 de julho (15:00) China 3x2 Brasil (Semifinal)	Público: 64.196 Estádio: Sanford (Athens) Escalação: Meg, Elane, Nenê, Tânia, Fanta, Formiga, Sissi, Márcia Tafarel, Kátia Cilene (Suzy), Roseli e Pretinha Técnico: José Duarte Gols: Roseli (67') e Pretinha (72')
01 de agosto (18:00) Brasil 0x2 Noruega (Disputa da Medalha de Bronze)	Público: 76.489 Estádio: Sanford (Athens) Escalação: Meg, Elane, Suzy, Fanta, Marisa, Formiga, Marcia Tafarel (Kátia Cilene), Sissi (Nenê), Sônia (Michael Jackson), Pretinha e Roseli. Técnico: José Duarte

Referências mencionadas pelas jogadoras

Competições

Mundialito em Jesolo (Itália, 1986)
Torneio Experimental de Futebol Feminino (China, 1988)
I Campeonato Sulamericano de Futebol Feminino (Maringá, 1991)
I Copa do Mundo de Futebol Feminino (China, 1991)
II Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino (Uberlândia, 1995)
II Copa do Mundo de Futebol Feminino (Suécia, 1995)
Jogos Olímpicos de Atlanta (1996)
III Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino (Mar del Plata, 1998)
III Copa do Mundo de Futebol Feminino (Estados Unidos, 1999)
Jogos Olímpicos de Sidney (2000)
IV Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino (Peru, 2003)
IV Copa do Mundo de Futebol Feminino (Estados Unidos, 2003)
Jogos Olímpicos de Atenas (2004)
Jogos Olímpicos de Pequim (2008)

Equipes

Bangu - Bangu Atlético Clube (Rio de Janeiro, RJ)
Barra de Teresópolis - Barra Futebol Clube (Teresópolis, RJ)
Bento Atlético Futebol Feminino (Bento Gonçalves, RS)
Bonsucesso - Bonsucesso Futebol Clube (Rio de Janeiro, RJ)
Bordon - Bordon Poli Esportes (São Paulo, SP)
Califórnia Storm (Estados Unidos)
Campo Grande Atlético Clube (Rio de Janeiro, RJ)
Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército (Rio de Janeiro, RJ)
Esportivo - Clube Esportivo Bento Gonçalves (Bento Gonçalves, RS)
Corinthians - Sport Club Corinthians Paulista (São Paulo, SP)
Euroexport (Salvador)
Euroexport (São Paulo)
Fluminense - Fluminense Football Club (Rio de Janeiro, RJ)
Juventus - Juventus Football Club (São Paulo, SP)
Madureira - Madureira Esporte Clube (Rio de Janeiro, RJ)

Marvel - Sociedade Esportiva e Recreativa Marvel
Maxion - Clube Recreativo Maxion
(São Bernardo dos Campos, SP)
Mistik-Kansas (Estados Unidos)
Palmeiras - Sociedade Esportiva Palmeiras
(São Paulo, SP)
Portuguesa - Associação Portuguesa de Desportos
(São Paulo, SP)
Radar - Esporte Clube Radar (Rio de Janeiro,RJ)
Rio Grande - Sport Clube Rio Grande
(Rio Grande, RS)
Saad - Saad Esporte Clube (São Caetano do Sul, SP)
Sabesp - Associação Sabesp (São Paulo, SP)
San Jose CyberRays (Estados Unidos)
Santa Cruz Futebol Clube (Belo Horizonte, MG)
Santos - Santos Futebol Clube (São Paulo, SP)
São Caetano - Associação Desportiva São Caetano
(São Caetano do Sul, SP)
São Cristóvão - São Cristóvão de Futebol e Regatas
(Rio de Janeiro,RJ)
São José - São José Esporte Clube
(São José dos Campos, SP)
São Paulo - São Paulo Futebol Clube (São Paulo, SP)
Takarazuka Bunnys Ladies S.C. (Japão)
Unasa do Maranhão,
Vasco - Club de Regatas Vasco da Gama
(Rio de Janeiro,RJ)

Vila Hípica -Vila Hípica de Bangu
(Rio de Janeiro,RJ)

Washington Freedom (Estados Unidos)

Jogadoras

Adriana Viola (Adriana Viola Burke)
Bel (Isabel Cristina Nunes)
Cebola (Lucilene de Souza Marinho)
Cenira (Cenira Sampaio)
Dai (Doralice Borges dos Santos)
Danda (Rosangela dos Santos Rocha)
Dori (Dorivane Gomes da Silva)
Duda (Eduarda Marranghello Luizelli)
Elane (Elane dos Santos Rego),
Fanta (Rosilane Camargo Motta)
Fia Carioca (Maria Lúcia Lima)
Fia Paulista (Lucineide Bezerra Lima)
Flordelis (Flordelis Santos Oliveira)
Irá (Iraildes Fernandes de Souza)
Leda Maria (Leda Maria Cozer Abreu)
Lica (Vaneli Laurentino Lira da Costa)
Lúcia Feitosa (Lúcia Alves Feitosa),
Márcia Tafarel
Marcinha (Marcia Honório da Silva),
Marisa (Marisa Pires Nogueira)

Meg (Margarete Maria Pioresan)
Michael Jackson (Mariléia dos Santos)
Miriam (Miriam Soares)
Nalvinha (Lunalva Torres de Almeida)
Pelezinha (Marilza Martins da Silva)
Pretinha (Delma Gonçalves)
Russa (Marcia Matos Calaça)
Sandra (Sandra Cristina Paiva Duarte),
Simone (Simone Sueli Carneiro)
Solange (Solange Bastos)
Suzana (Suzana Cavalheiro)
Rosa (Rosa Maria Gomes de Lima)
Roseli (Roseli de Belo),
Sissi (Sisleide Lima do Amor)
Suzy (Suzy Bittencourt de Oliveira)
Tânia Maranhão (Tânia Maria Pereira Ribeiro)
Valéria (Valéria Aparecida Bonifácio)